

A SUBALTERNIZAÇÃO DO HOMEM EM *OS TRANSPARENTES*, DE ONDJAKI

Renata Cristine Gomes de Souza
Orientadora: Renata Flavia Silva
Mestranda

RESUMO

O romance *Os Transparentes*, escrito por Ondjaki, foi publicado em 2012. A obra que tem como pano de fundo Luanda, nos traz uma representação verossímil da capital angolana. Essa representação é feita a partir de descrições e ações que trazem uma série de denúncias no que diz respeito à ordem política e social, que mostram a decadência do projeto utópico da construção da nação angolana. O presente trabalho pretende mostrar como se dão as relações de diminuição do homem pobre na sociedade luandense. Essa subalternização é característica de uma sociedade em que a divisão de riquezas e direitos é totalmente desigual, aqui falaremos sobre a condição do subalternizado nessa sociedade distópica, através da apresentação e análise da trajetória do personagem Odonato. Odonato, que após viver muitos anos desiludido com o país, começa a perceber sua condição de homem subalternizado e entender como se deu esse processo de diminuição, juntamente a isso ele admite para si do fim do sonho da construção da nação angolana voltada para o povo. Para analisarmos como essa tomada de consciência se dá, teremos como norteadores os estudos de Edward Said, Amílcar Cabral e Gayatri Spivak.

PALAVRAS-CHAVE: Luanda, Subalterno, Distopia, Desigualdade Social.

O subalterno: O transparente

Na construção de *Os Transparentes* vemos a apresentação do cotidiano da sociedade luandense, e para tal o romance traz um retrato dos problemas pelos quais o povo pobre angolano passa. A partir dessa apresentação vemos como se dá o processo de diminuição desse homem nas sociedades urbanizadas. É a partir da propagação do discurso empregado na obra, no qual se dá voz ao homem explorado, que vemos uma característica da literatura angolana no romance.

A história de nossa literatura é o testemunho de gerações de escritores que souberam, a sua época, dinamizar o processo de nossa libertação exprimindo os anseios do nosso povo, particularmente o das suas camadas mais exploradas. A literatura angolana surge assim não como uma simples necessidade estética, mas como uma arma de combate pela afirmação do homem angolano. (NETO, Apud CAETANO, 2007. p.3)

Ainda sobre o fazer literário em Angola, Pires Laranjeira afirma que:

A literatura angolana derivou para a tendência de contestar, finalmente, a tradição realista, *engagée*, documentalista e ideo-política, sem que, todavia, isso significasse o abandono desse filão que a própria realidade histórica e política e a condição social e cultural do escritor continuavam a prescrever. Digamos que a temática e os espaços social e cultural patenteados nos textos passaram a alargar-se consideravelmente, apresentando desde o amor e a angústia existencial, às vivências do poder estabelecido (...) (LARANJEIRA, 1995. p.7)

Para fazer com que esse engajamento esteja presente na trama e, mais que isso, o compromisso com a história política esteja evidente, a obra enfoca a vida de pessoas pobres e dos trabalhadores que representam cerca de 60% da população angolana. Nesse grupo encontram-se os funcionários públicos, trabalhadores assalariados do comércio e da indústria e também as pessoas que vivem na total miséria.

Esse homem, representado no romance, é quem figura melhor a história recente do país, assim como os efeitos da colonialidade, a identidade, as necessidades e dificuldades pelas quais Angola passa. Para mostrar a realidade que o livro procura retratar, vejamos, a partir de dados do IBGE Países, como boa parte da população não tem acesso aos serviços básicos: apenas 51% da população tem acesso à água potável, 27% é subnutrida e 42% não tem acesso aos serviços da rede sanitária. Para retratar essa condição a trama trará Luanda, a capital de Angola e seu grande centro econômico, como cenário. Aliando as formas de corrupção e a subalternização do homem pobre, veremos os meios de que a sociedade, as empresas e o governo se servem para diminuir esse cidadão.

O estilo de construção do texto e a forma adotada para tratar do eixo temático nos leva a associar a escrita de Ondjaki à escrita do narrador pós-moderno, que expõe o

fato como se ele também fosse um apreciador do que ali é descrito. Segundo Walter Benjamin, o narrador pós-moderno é aquele que se aproxima do jornalista, ou seja, o narrador apenas transmite um fato, ele não narra uma ação que descreva uma experiência própria, ele narra a partir da observação da experiência de outros. A narrativa pós-moderna exprime o máximo da ação narrada, é uma informação externa à vida do narrador.

Isso fica bem explícito nessa narrativa, ainda mais quando sabemos que o autor, Ondjaki, é cientista social. Nesse romance ele trata em maior parte do tempo da classe baixa, da qual ele não faz parte, mas que observa em seu ofício. Por mais que o autor fale da cidade em que viveu por anos, o que é descrito parte de sua observação enquanto escritor-pesquisador.

Esse escritor-pesquisador faz uso desse olhar artístico e comprometido com as necessidades de seu país para dar voz ao homem subalternizado. Segundo Spivak, esse sujeito subalternizado é aquele que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12).

A construção do protagonista do romance atua como uma metáfora, que direciona o leitor ao processo de invisibilidade das camadas empobrecidas da população. Odonato, o personagem principal da trama materializa a posição social do homem pobre, pois personagem entra em um processo real de invisibilidade no qual ele lentamente vai ficando transparente:

Acanhados raios solares, de magreza extremada, fiapos tristes da cor amarela, atravessavam Odonato nas zonas periféricas do seu corpo esguio, nos rebordos da cintura, nos joelhos, também nas costas das mãos e nos ombros, a luz longínqua passava como se o corpo humano, real e sanguíneo pudesse assemelhar-se a uma peneira ambulante (ONDJAKI, 2012, p. 34)

O primeiro elemento do qual trataremos é a escolha do nome do protagonista. Podemos intuir que há uma analogia nessa construção, pois o nome do personagem nos remete à classe biológica das odonatas, popularmente conhecida como libélulas ou mesmo libelinhas em Angola. As libélulas têm as asas transparentes, que as sustentam no ar. Essa mesma transparência que sustenta o corpo das odonetas no ar, traz a leveza total ao corpo de Odonato que ao longo da trama perde seu meio de sustentação na terra, o próprio corpo.

Já agora, mais de quatro décadas após a independência, o anti-herói idealista, que outrora fora o propagador da construção de uma Angola para todos, e que se exprimia por meio da literatura com o intuito de mostrar a grandeza e a força de poder do povo na luta revolucionária, dá lugar ao homem ciente de sua incapacidade perante as redes de poder. Esse novo homem já perdeu parte de suas crenças e já agora acredita que ser forte é não sucumbir a outras formas de sobreviver, quase sempre aliadas ao ato corrupto.

Com a transparência do corpo, que deveria ser o sustento terreno daquele homem, já não é mais palpável e esse fenômeno apresenta-se como quadro final de um longo processo de apagamento. Antes mesmo de a transparência ser materializada, partes que compõem esse homem são lentamente retiradas pelas condicionantes sociais. A rotina, a necessidade de um trabalho que garanta o mínimo para a sua família fazem com que ele perca a possibilidade de ter novas perspectivas. Essa impossibilidade de mudança e/ou ascensão faz com que parte dele seja sublimada em razão de ações que são necessárias para a sobrevivência, pois como bem formula Homi Bhabha “existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência” (BHABHA, 1998. Pág . 19). Com o trabalho, as suas mãos são as primeiras que começam a perder algumas aptidões e no lugar dessas habilidades instala-se o trabalho repetitivo, a vida programada.

A possibilidade de poder se reinventar, utilizar seus talentos, é a primeira coisa que o meio empregatício lhe tira, é aí que se inicia o processo de frustração de Odonato. Tal transparência não é a mesma que se dá ao longo do romance, não é física, mas é aquela que castra os movimentos do homem e o deixa hábil apenas para a função empregatícia que exerce, funcionando como mais uma forma de manipulação. Podemos ver no trecho abaixo que só depois de uma vida inteira de trabalho que Odonato percebe essas mudanças:

“(...) Odonato observava as pessoas atentando aos modos das suas mãos (...) ele mesmo havia sido habilidoso com a madeira mas as ocupações do tempo de funcionário público haviam desfeito parte dessa sensibilidade.
– carimbar documentos... foi isso que matou os meus gestos redondos.
(ONDJAKI, 2012, p. 24)

As necessidades de se ter um emprego e de se dedicar somente a essa função, vão tirando as habilidades do homem e acabam por transformá-lo em uma simples peça numa engrenagem. Odonato já não tem a habilidade com as mãos e sua sensibilidade artística que era o que faria o personagem ver as coisas de uma forma diferente, e com

isso deixa de procurar outras formas de encarar a realidade. A perda dessa habilidade o faz seguir a vida de forma mecânica e repetitiva, na qual o homem vive para o trabalho que o sustenta. A necessidade de trabalhar dia após dia tira as outras habilidades do homem e o transforma em apenas uma máquina de trabalho, sem a possibilidade de crescer, tirando seus “gestos redondos” e trazendo a retidão do trabalho mecânico.

Podemos então dividir o processo de transparência de Odonato em duas fases. A primeira se dá no momento em que esse homem se torna apenas uma ferramenta de trabalho. A segunda fase é quando o personagem materializa o fenômeno de apagamento social e se torna totalmente invisível. Há uma ligação direta entre essas duas formas de transparência: as duas farão e evidenciarão a delimitação do lugar (ou não lugar) reservado para o homem pobre na grande capital. Esse processo de apagamento é longo e ocorre até o momento em que ele é totalmente destituído de valor. O que acontece com Odonato ocorre também com homens comuns em tantas outras sociedades. O homem pobre é moldado para servir as grandes corporações ou o governo e quando já não é uma mão de obra tão lucrativa, ele é descartado.

A transparência de Odonato reflete a dinâmica na qual a visibilidade do homem é medida pelo seu poder financeiro e, para a população empobrecida, por sua força de trabalho. Essa metamorfose não ocorre partindo de uma motivação biológica, ela se dá através de um condicionante social para que assim possa se refletir biologicamente. A partir do momento em que Odonato percebe que a sociedade em que vive nega a sua existência, ele passa a compreender que o seu problema é de ordem social e a partir do momento em que ele fica ciente dessa condição, começa a se tornar verdadeiramente transparente. Vejamos como isso se mostra no seguinte diálogo do personagem com sua esposa, Xilisbaba:

- não gosto que estejas aí, na berma
- eu também não gosto de muita coisa – Odonato não estava de bom humor
- apetece-te cozinhar? trouxe legumes frutas e peixe pra grelhar
- Baba – Odonato respirou fundo, como se inspirasse toda a poeira da cidade de Luanda – decidi que já não vou comer!
- não tens fome? não queres almoçar?
- não entendeste, não vou comer mais, vou fazer jejum social. (Idem, p.52)

Ele, um homem que já não existe socialmente não precisa de algo que o faça sua forma corpórea existir. A vida de Odonato é repleta de problemas que o fazem se sentir cada vez mais diminuído e impotente. A falta de trabalho, a falta de comida para a família, o destino criminoso do filho fazem consigo entender as delimitações pré-determinadas na vida das populações empobrecidas, a partir de sua própria trajetória e

também através da vida dos outros moradores do prédio. Odonato define bem a situação e a trajetória do homem que ocupa esse não-lugar em Angola:

– um homem para de falar dele mesmo, fala das coisas do início... como as infâncias, as brincadeiras, as escolas, as meninas, a presença dos tugas, as independências... e depois a coisa de ainda há pouco tempo, veio a falta de emprego e de tanto a procurar e sempre a não encontrar trabalho... um homem para de procurar para ficar em casa e pensar na vida e na família. no alimento da família. para evitar as despesas, come menos... um homem come menos para dar de comer aos filhos, como se fosse um passarinho (...) e aí me vieram as dores de dentro, de uma pessoa ver que na crueldade dos dias não se tem dinheiro, não tem como comer ou levar o filho ao hospital... e os dedos começam a ficar transparentes... e as veias, as mãos, os pés e os joelhos... mas a fome foi passando: foi assim que comecei a aceitar minhas transparências... deixei de ter fome e me sinto cada dia mais leve... esses são os meus dias... (Ibidem, p.200)

Para poder se distanciar um pouco desse tumulto que a sua vida se tona ele retoma uma visão de Angola totalmente saudosista. Ele acredita que foi o crescimento da metrópole que trouxe toda a pobreza para o seu povo e que em algum momento ainda era possível se ter esperança:

– o país dói-me... a guerra, os desentendimentos políticos, todos os nossos desentendimentos, os de dentro e os que são provocados por aqueles que são de fora (...)
os olhos e o seu corpo sentiam profunda saudade dos passeios domingueiros com a família, para perto do mar (...)
Luanda era então, se comparada com a atualidade, um quase deserto urbano onde faltava a comida e a roupa, os medicamentos, sem água ou luz (...) as refeições chegavam a limitar-se ao famoso peixe frito com arroz e quase tomate (...), não havia linhas telefônicas estáveis, mas as conversas eram abençoadas pelos tardios ventos da madrugada, os sapatos estavam gastos mas as pernas felizes (...), havia o toque de recolher obrigatório e mesmo as festas se enchiam de uma gente que a garantia em sorrisos e animação (...)
(Ibidem, p. 179-180)

O saudosismo de Odonato advém de uma época em que ele ainda tinha esperança no país. Apesar de viver em meio a uma sociedade que tinha necessidades que não eram atendidas, aquele era o momento em que a independência acabara de suceder, a esperança de construir um país de forma justa era um sentimento mais presente na vida do país. Mas todo o sonho de construção de uma Angola para povo dá lugar a decepção que toma conta da população nos anos após a independência. Todo o idealismo, as novas ideias, a vontade de construir um país justo caíram por terra quando a independência se tornou realidade. O país conviveu por anos com a guerra civil e os líderes que antes pareciam lutar por um país de igualdade, foram os mesmos que monopolizaram o poder e fizeram da corrupção uma prática comum.

Desse modo concluímos que a construção do personagem traz uma metáfora que se aplica perfeitamente à vida do homem empobrecido luandense, que por mais que não

exteriorize fisicamente a sua condição, vive na subalternização. A desilusão e consciência de que o plano utópico de criação de uma Angola justa já não está presente fazem como que o homem pobre, representante da necessidade de fazer com que esse antigo sonho aconteça, seja apagado pelas mesmas redes de poder que propiciaram a queda da utopia.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTONI, Prisca. VIANA, Anderson Luiz. *A identidade do sujeito na fronteira do pós-colonialismo em Angola*. Juiz de Fora: Hipótese, v.14, 2010. P.189-205.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BITTENCOURT, Marcelo. Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. In: *Atas do II Seminário Internacional sobre a História de Angola*. (4 a 9 de agosto de 1997), Luanda. Comissão nacional para comemoração para os descobrimentos portugueses, p.161-185, 2000.
- BONICCI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2ª edição. Maringá: UEM, 2002.
- CAETANO, Marcelo José. *Itinerários Africanos: O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Revista História e Estudos Culturais, 2007.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2005. Dados e estatísticas. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php> 17/12/2013
- GONÇALVES, M. A. R.; LARANJEIRA, José Pires. “20 anos de literaturas africanas de língua portuguesa - exemplificações (1975-1995)”. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.). *Contribuições para a discussão da questão racial na escola, vol. 2: Educação, arte, e literatura africana de língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Quartet/Sempre Negro/NEAB-UERJ, 2007.
- LARANJEIRA, José Pires. *Literaturas Africanas de expressão portuguesa*. 2ª edição. Coimbra: Universidade Aberta, 1995.
- MORAES, Anita Martins Rodrigues. Notas sobre o conceito de “sistema literário” de Antônio Cândido nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa. *Itinerários* n° 30, 2010. p.64-84.
- ONDJAKI. *Os Transparentes*, 2º edição. Córdova: Editorial Caminho, 2012.
- PESTANA, Nelson. *A classe dirigente e o poder em Angola*. VII Congresso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: CES, 2004.
- SAID, Edward. *Orientalismo – O oriente como invenção do Ocidente*, São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.